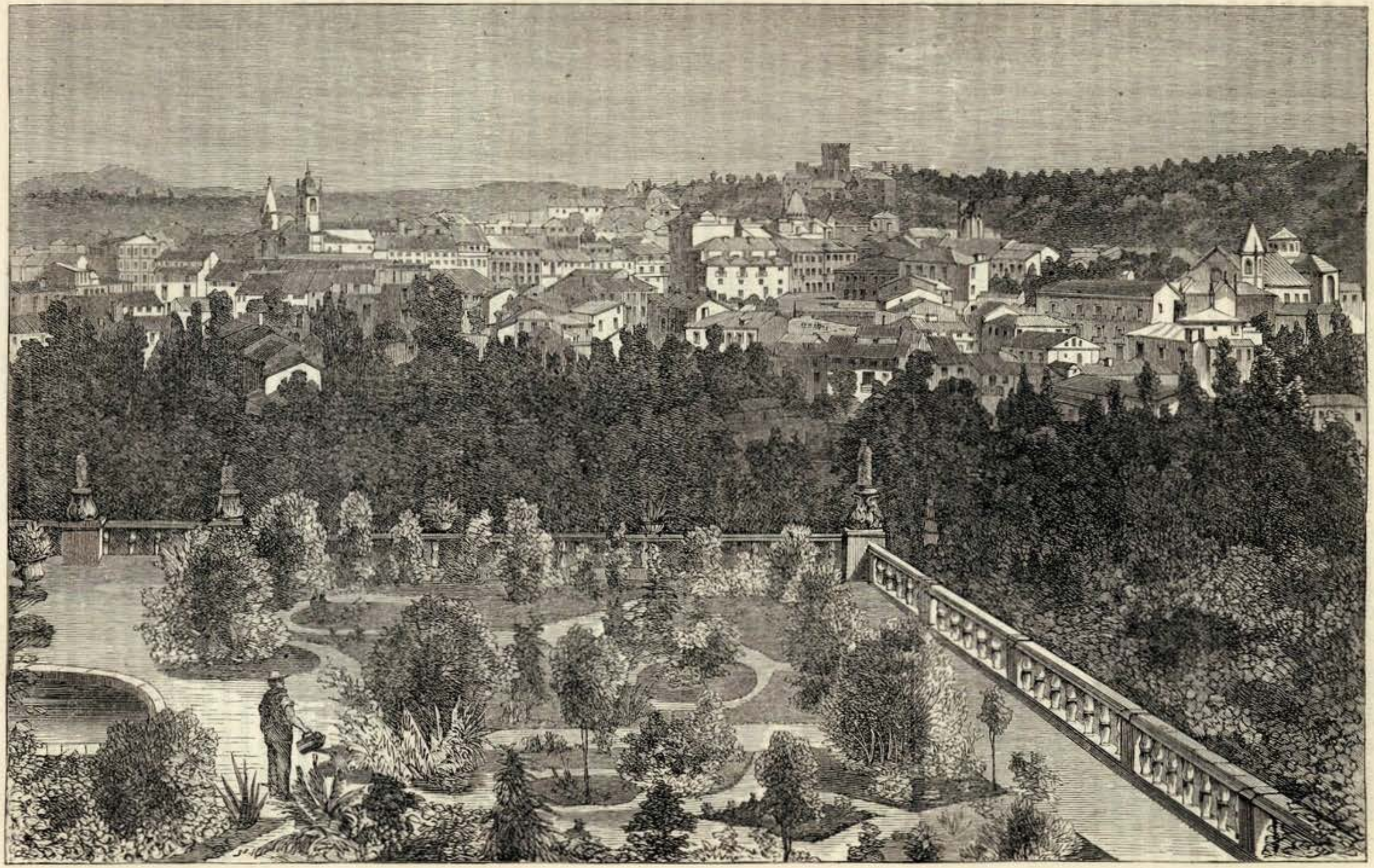


Cidade de Guimarães

CIDADE DE GUIMARÃES

A historia da fundação de Guimarães e seus primeiros progressos está incluida na da collegiada de Nossa Senhora da Oliveira, e na do castello da condessa D. Mumadona. Seria pois superfluidade repetir aqui o que dissemos largamente ácerca d'estes dois monumentos a pag. 353 do vol. IV, e 204 do vol. VI.

Já sabem, portanto, os nossos leitores como a villa de Guimarães nasceu e prosperou á sombra dos muros protectores da casa de Deus, e da praça de guerra; como o conde D. Henrique de Borgonha, e sua mulher, a rainha D. Theresa, entrados na posse do condado de Portugal, vieram estabelecer a sua corte em Guimarães, e a sua habitação no castello da condessa D. Mumadona. Sabem tambem que n'este castello, em um palacio que hoje apenas alcançaria o titulo de humilde casa burgueza, teve o berço o nosso primeiro rei, e um dos mais esforçados campeões que houve n'aquella edade.

Sabem finalmente, que D. Affonso Henriques, muito antes de receber dos seus soldados o titulo de rei de envolta com os loiros de uma grande victoria, fôra cercado n'aquella fortaleza por seu primo, D. Affonso VII, rei de Leão e de Castella, que o queria obrigar a render-lhe vassallagem. Tambem já referimos a lenda do velho e fiel aio D. Egas Moniz, quando empenhou a sua palavra para afastar os inimigos da presença do seu principe, e que depois offereceu a propria vida e a de sua mulher e filhos em holocausto da palavra não cumprida.

Não desfructou Guimarães por muitos annos as regalias e vantagens de corte. D. Affonso Henriques, impellido pelo braço da Providencia, que o destinára para resgatar Portugal do jugo mauritano, transferiu a sua corte para Coimbra logo que principiou a estender as suas emprezas pela Estremadura e Alemtejo, ainda em poder dos sarracenos.

A religião indemnisou, porém, a villa do que a politica lhe fez perder. Á maneira que a espada gloriosa de D. Affonso Henriques dilatava os limites da nascente monarchia, arremeçando para longe as hostes agarenas, affluiam a Guimarães cada vez mais os romeiros e peregrinos, vindos de muitas legoas em derredor, e até da Galliza, para venerarem a sagrada e milagrosa imagem de Nossa Senhora da Oliveira.

Foi crescendo a devoção com a fama dos milagres, e assim tambem se engrandeceu a villa sob a protecção da Virgem, estabelecendo-se n'ella muitas familias nobres, e algumas ordens religiosas.

No meio d'estas prosperidades veiu açoital-a o flagello da guerra; a primeira vez nas discordias que rebentaram entre el-rei D. Diniz e o infante D. Affonso, seu filho e successor [1]; a segunda, na lucta da independencia de Portugal travada entre o mestre de Aviz e D. João I de Castella.

Foi durante este periodo de cem annos que el-rei D. Diniz e seu filho D. Affonso IV cercaram de muros a nova villa de Guimarães, aos quaes el-rei D. João I accrescentou varias torres.

No seculo seguinte (XV) ennobreceu a villa com um grandioso palacio o conde de Barcellos, D. Affonso, ao diante 1.° duque de Bragança, filho bastardo del-rei D. João I. Referir que este principe ia de vez em quando passar temporadas a este palacio; que n'elle habitou depois de viuva, e ahi falleceu, a duqueza D. Constança de Noronha, sua segunda mulher, neta pela parte paterna de D. Henrique II, rei de Castella, e pela materna del-rei D. Fernando de Portugal; e que outros principes d'esta familia alli viveram, ainda que em residencia temporaria, equivale a dizer que a villa de Guimarães assumia n'essas occasiões o aspecto animado e esplendido de uma corte, tal era o fausto com que se tratavam os duques de Bragança, e taes o numero e qualidades da criadagem que os servia [1]. Além d'isto recebeu por varias vezes as visitas dos nossos soberanos.

[1] Vid. pag. 348 do vol. V.

Foi seu primeiro donatario D. Fr. Alvaro Gonçalves Camelo, por mercê del-rei D. João I, no anno de 1403. Vagando depois para a coroa, foi dado este senhorio por el-rei D. Affonso V a D. Fernando, 1.° do nome e 2.° duque de Bragança; e ao filho primogenito d'este, tambem D. Fernando, foi concedido por essa occasião o titulo de conde de Guimarães, que mais tarde foi elevado a duque.

O seculo XVI foi para esta villa um mixto de festas e tristezas, de ventura e de infortunio. Tendo casado o infante D. Duarte, filho del-rei D. Manuel, com D. Isabel, filha de D. Jaime, 4.° duque de Bragança, que lhe trouxe em dote o senhorio e palacio de Guimarães, intitulou-se aquelle principe duque de Guimarães, titulo e senhorio em que lhe succedeu seu filho D. Duarte, por cuja morte foram encorporados na coroa.

Passado algum tempo depois do seu consorcio, foram os reaes noivos recebidos n'esta villa, e obsequiados durante a sua permanencia n'ella com toda a sorte de galas e festejos usados n'esses tempos. E em quanto o povo assim folgava desenvolviam-se a industria manufactora e o commercio, incitados e alimentados pela navegação do alto mar, fructo dos descobrimentos e conquistas verificados no decurso de cem annos.

Porém as pestes que assolaram Portugal n'este mesmo seculo XVI, converteram por vezes em dor e lucto todas aquellas alegrias e felicidades, dizimando cruelmente a população da villa, sobre tudo na chamada *grande peste* do anno de 1569, que fez mais de duas mil victimas dentro dos muros de Guimarães, isto é, roubou-lhe metade dos habitantes que então encerrava.

O jugo de Castella, as invasões dos hollandezes e francezes no Brasil, e as guerras da restauração da nossa independencia, apesar de que o inimigo não ousasse affrontar-lhe os muros, estagnaram o seu commercio, e tornaram decadente a sua industria fabril.

Com a entrada do seculo XVIII volveram-lhe de novo os dias felizes, porque a descoberta das minas de oiro e diamantes do Brasil, fazendo reviver o amortecido commercio do reino, resuscitaram aquelles dois ramos da industria de Guimarães.

Esta quadra de prosperidade estendeu-se por quasi todo o seculo, durante o qual teve a villa mui notaveis augmentos, tanto em população como em edificios nobres.

Não lhe foi assim propicia a primeira metade do seculo XIX. Os males que sobrevieram ao paiz com as invasões dos hespanhoes e francezes; depois a separação do Brasil, e logo em seguida as nossas discordias civis, lançaram no mais profundo abatimento as suas manufacturas de linho, cutelarias, serralherias e cortumes de coiros, que davam emprego á maior parte dos seus filhos.

Estas desgraças foram ainda accrescentadas pelo abandono em que jazeu a viação publica por largos annos, de modo que a villa de Guimarães chegou a ter as suas communicações, não diremos já com Lisboa, mas com as terras importantes da provincia, incluindo Braga, a tres legoas de distancia, se não interrompidas, pelo menos difficilimas.

Estamparam-se todas estas calamidades publicas nos edificios da villa como a doença no rosto do enfermo. As ruas, onde moravam os industriaes e outros individuos da classe desfavorecida da fortuna, pareciam uma povoação proxima a cair em ruinas.

A instituição de um mercado semanal veiu travar

[1] Vid. pag. 47 do vol. IV.

da roda a esta progressiva decadencia. Graças á fertilidade do solo dos terrenos circunvisinhos, e graças tambem aos habitos laboriosos d'aquelle bom povo, o mercado de todos os sabbados tomou taes proporções, que em breve apresentou a apparencia de uma grande feira annual. O seu movimento, principalmente em fazendas de lã, seda, linho e algodão; em loiças, cutelarias, ferragens e utensilios de lavoira; em legumes e cereaes; em grão, farinha e pão cozido; e em gados vaccum e suino, representa valores de bastantes contos de réis [1].

Em 1845 organisou-se a companhia das obras publicas, e começando os seus trabalhos n'esse mesmo anno, foi a estrada do Porto a Guimarães por Santo Thyrso uma das primeiras obras que emprehendeu. Porém a revolução que rebentou na provincia do Minho, no anno seguinte, paralysou todo este esforço, deixando aquella estrada em meio da construcção.

Felizmente, passados alguns annos, o paiz entrou em via de progresso, vagaroso, mas regular, e sem interrupção. A provincia do Minho foi dotada com bellas estradas, que já ligam entre si as suas principaes povoações, e que se vêem continuamente concorridas de diligencias. Guimarães goza tambem d'este beneficio. Por meio da nova estrada que conduz a Villa Nova de Famalicão, tronco ou centro de quasi todas que cortam a provincia, communica-se facil e commodamente com as grandes terras do Minho, e por conseguinte, pelo auxilio dos caminhos de ferro, com as provincias do Douro, da Beira, da Estremadura e Alemtejo. A estrada para o Porto por Santo Thyrso está quasi concluida, e não tardará muito que tenha outra para Traz-os-Montes, actualmente em construcção.

Estes melhoramentos, além de outros introduzidos modernamente na legislação e no systema economico do paiz, deverão trazer um futuro prospero a uma terra tão industriosa, e tão generosamente dotada pela natureza, como esta é.

Recebeu Guimarães o seu foral das mãos do conde D. Henrique de Borgonha. No antigo regimen gozava da prerogativa de enviar procuradores ás cortes, os quaes se sentavam no banco terceiro. Tem por brazão de armas, desde muita antiguidade, um escudo com a imagem da Virgem, em campo de prata, tendo nos braços o Menino Jesus, que empunha, na mão esquerda, um ramo de oliveira. Guimarães foi elevada á categoria de cidade pela sra. D. Maria II.

Está sentada esta nobre povoação em terreno um tanto alto, e levemente accidentado, proximo das faldas da serra de Santa Catharina. Dista do Porto uns 40 kilometros para o norte, e 15 de Braga para léste.

É capital de um concelho muito extenso e populoso, e cabeça de comarca. Pertence á provincia do Minho, districto administrativo de Braga. É quartel de um batalhão de caçadores.

Encerra uns sete mil habitantes, que se dividem pelas seguintes parochias: *Nossa Senhora da Oliveira*, *S. Miguel do Castello*, *S. Sebastião*, *S. Paio*, e *S. Thiago*. Acerca da primeira, que desfructa o titulo de *insigne e real collegiada*, e as honras de capella real; e sobre a segunda, onde foi baptisado o fundador da monarchia, podem os nossos leitores ver o que escrevemos a pag. 5, 41, 166 e 353 do vol. IV. e 172 d'este vol.

Dizem que a egreja de S. Thiago fôra, sob o dominio dos romanos, um templo gentilico dedicado a Ceres. Deu fundamento a esta opinião uma lapida com uma inscripção que ahi se achou, quando se fez a reedificação d'esta egreja parochial.

É Guimarães uma das terras do reino que possue maior numero de egrejas e ermidas, conventos e estabelecimentos de caridade. Faremos, portanto, menção das principaes:

A *egreja da Misericordia*, situada no largo do mesmo nome, foi fundada em 1585. Nada tem que mereça notar-se.

Nossa Senhora da Consolação é um templo moderno, de architectura ornamentada, que se ergue graciosamente em um dos extremos da cidade, e no meio de risonha paizagem. [1]

A *egreja de S. Damaso* foi fundada em 1641 em honra d'este santo pontifice, que era natural d'esta cidade.

O *convento de Nossa Senhora das Neves*, chamado vulgarmente de *S. Domingos*, da ordem dos prégadores, teve a sua primeira fundação em 1271. Foi reconstruido e ampliado em 1395, e novamente reedificado no seculo XVII. Tem um grande templo, rico interiormente em obra de talha doirada, e que está bem conservado para o culto.

O *convento de S. Francisco*, que foi de religiosos franciscanos. Tambem se póde dizer que teve tres fundações, em 1216, 1274 e 1322. Na egreja, que conserva a sua antiga estructura, está sepultada a duqueza de Bragança, D. Constança de Noronha, de que acima fallámos. Junto d'esta egreja acha-se o templo do hospital dos terceiros de S. Francisco.

Convento de Santo Antonio, que pertenceu aos frades capuchos da provincia da Soledade, foi erecto em 1644. Depois da extincção das ordens religiosas estabeleceu-se n'elle o hospital militar.

Convento de Santa Clara, de religiosas claristas, teve principio no anno de 1540. É grande o edificio do convento, e ainda encerra crescido numero de moradoras, mas quasi todas recolhidas ou educandas. As religiosas são poucas.

Convento de Santa Rosa, de freiras dominicas, foi construido em 1680.

Convento da Madre de Deus, de religiosas capuchas, foi fundado em 1673. Supprimiu-se ha pouco tempo, se não nos falha a memoria, por não ter o numero canonico.

Convento de Santa Theresa, de freiras carmelitas calçadas, erecto em 1685. Foi extincto pelos annos de 1850, em consequencia de ter fallecido a ultima religiosa. Serviu depois de hospital do batalhão de caçadores n. 7, e ha pouco tempo foi concedido pelo governo á sociedade instituidora do asylo de infancia desvalida de Santa Estephania. [2]

Os estabelecimentos de caridade são, além d'este, os hospitaes da *Misericordia*, de *Santo Antonio dos Capuchos*, e dos *terceiros de S. Francisco* e de *S. Domingos*. Os dois ultimos são muito importantes e bem administrados, e occupam grandes edificios. O de S. Domingos tem contiguo um jardim espaçoso e desaffrontado, que se plantou haverá 18 ou 20 annos, e que costuma ser franqueado ao publico. Para se fazer idéa dos recursos de que dispõem estes dois estabelecimentos, e da grandeza que ostentam, bastará dizer que cada uma das duas confrarias conta de mil a dois mil irmãos, e que andam em competencias de qual d'ellas terá o seu templo mais bem ornado, e n'elle mais esplendidas funcções, e o seu hospital com mais aceio e melhor serviço. Exceptuando a gente pobre, poucas pessoas deixam alli de pertencer a uma d'estas confrarias, qualquer que seja a sua edade ou sexo.

As ruas de Guimarães são em geral estreitas, tortuosas e pouco limpas; mas, em compensação, possue grandes praças, e algumas d'ellas guarnecidas de chafarizes e boas casas. As principaes são: *praça do Toural* [3]; *terreiro de S. Francisco*, onde estão as duas

[1] Vid. o que dizemos ácerca d'este mercado a pag. 218 d'este vol.

[1] Vid. a gravura e artigo a pag. 92 e 93 d'este vol.
[2] Vid. a gravura e artigo a pag. 57 do vol. V.
[3] Vid. a gravura e artigo a pag. 217 d'este vol.

egrejas d'esta invocação; a *praça Maior*, em que se erguem a collegiada de Nossa Senhora da Oliveira, e a casa da camara; a *praça do Peixe*, que se abre em frente da egreja parochial de S. Thiago; *terreiro da Misericordia* [1]; *terreiro de S. Sebastião*; e *campo da Feira*. [2]

Da *casa da camara* já tratámos em outro logar. [3]

Tem esta cidade um theatro intitulado *de D. Affonso Henriques*. Tambem no convento de S. Francisco se construiu outro, mas não sabemos se ainda existe.

Apesar de se terem commettido em Guimarães muitos actos de vandalismo contra os monumentos da antiguidade, ainda conserva de pé alguns muito apreciaveis. Além dos que temos citado, encerra os que se seguem: *Paço dos duques de Bragança*, obra do 1.º duque, proximo do castello; é um vasto edificio, pela maior parte em ruinas, servindo comtudo de quartel [4]; a *alfandega*, antigo e curioso edificio; varias torres, e alguns lanços da cêrca dos muros de D. Diniz.

Abastecem a cidade de excellente agua muitas fontes, d'entre as quaes sobresae, por mais esbelta e de melhor fabrica, a da praça do Toural. (Vid. pag. 217)

Não tem passeio publico propriamente dito, porém supprem-lhe essa falta o jardim dos terceiros de S. Domingos, e o campo da Feira, modernamente plantado de arvores, e realçado pela ribeira que o corta, e por sua magnifica ponte coroada de estatuas, e guarnecida de assentos e arvores.

Os arrabaldes são encantadores. Accidentados, cobertos de uma vegetação pomposa, e regados por uma infinidade de fontes e ribeiros, apresentam muita variedade de sitios amenos, formosos e pittorescos. Dão-lhe bastante realce os palacios e quintas dos srs. condes de Arrochella e de Villa Pouca, com os seus jardins dispostos em taboleiros, como degraus de um throno, guarnecidos de bonitos lagos, estatuas, vasos, pyramides e balaustradas de pedra.

A *serra de Santa Catharina* e o *mosteiro da Costa* são tambem singulares ornamentos d'estes arrabaldes. A serra é muito parecida com a de Cintra na espessura dos bosques, na corpulencia das arvores, nas aguas que se despenham pelas quebradas, nos rochedos descommunaes de que está eriçada, e nas grutas que se abrem debaixo dos enormes penedos que lhe fazem coroa. São duas grandes lapas uma sobre a outra. A de cima transformou-a a devoção em uma capella de Santa Catharina, que dá o nome á serra, e que é muito concorrida de romagens.

O *mosteiro de Santa Marinha da Costa* acha-se edificado no dorso d'esta serra. Era um dos celebres mosteiros do paiz; rico no edificio, nas rendas, e em memorias da rainha D. Mafalda, que o fundou, e de D. Antonio, prior do Crato, que foi alli educado. Pertenceu aos monjes de S. Jeronymo. Na sua cêrca havia dois carvalhos colossaes, que foram plantados pela rainha fundadora. Um d'elles seccou haverá trinta annos. O outro conserva-se frondoso e cheio de viço, contando sete seculos, como se apenas tivera um. Medindo-o a primeira vez que fomos a Guimarães, em 1845, achámos que tinha de circumferencia o tronco principal 47 palmos. É uma das maiores arvores que existem no paiz. É um verdadeiro monumento do reino vegetal. O edificio do mosteiro é hoje propriedade particular. A egreja conserva o culto, e em dia de Santa Marinha, que é o seu orago, faz-se n'ella uma grande festa, que attrahe a este lindissimo sitio extraordinaria concurrencia de romarias.

O concelho de Guimarães é um dos mais ferteis e productivos da provincia do Minho, tanto pela feracidade do torrão, como pela abundancia de aguas que brotam de toda a parte, e se cruzam em todas as direcções. Produz muitos cereaes, especialmente milho, boa quantidade de legumes, vinho verde, linho, algum azeite, e bastantes frutas, sobre tudo castanhas. Tem excellentes pastagens, em que se cria muito gado.

Guimarães tem sido berço de muitos santos, e de muitos varões illustres nas armas, nas sciencias e nas letras.

A nossa gravura é cópia de uma photographia do sr. Seabra. O primeiro plano representa um dos jardins do sr. conde de Arrochella.

I. DE VILHENA BARBOSA.

[1] Vid. o artigo e gravura a pag. 345 do vol. VI.
[2] Vid. pag. 92 d'este vol.
[3] Vid. a gravura e artigo a pag. 385 do vol. V.
[4] Vid. a gravura e artigo a pag. 33 do IV vol.

TRES POETAS

(Vid. pag. 166)

J. G. LOBATO PIRES

É doloroso ver desapparecerem do mundo, levados pelo turbilhão da morte, homens a quem a gloria acenava de longe, risonha, tentadora, com o regaço cheio de loiros, com o sorriso cheio de promessas, com o olhar cheio de triumphos, ou aquelles a quem já tinha aberto os braços, em cuja fronte já tinha poisado o primeiro osculo, osculo de Judas, como são todos os da gloria, porque, se ao delirio que elles causam nos que se julgam tão felizes em os receber, não succede o despenharem-se immediatamente no sorvedoiro do tumulo, succede pelo menos o afflictivo pungir da coroa de espinhos, em que logo se transforma a grinalda de rosas, que de longe lhes sorria como encantada miragem, para conquistarem a qual nem repararam nas agruras do caminho, nas asperezas da estrada, e que se mudou, mal a poisaram na fronte, no pungente diadema, cujos florões são as invejas, as malquerenças, os odios mesquinhos, as calumnias, que não descançam em quanto não rasgam bem essas frontes que commetteram o insupportavel crime de se elevarem acima do vulgo, e de resplandecerem com a luz immorredoira do talento.

É talvez mais feliz a sorte d'aquelles que nós julgâmos desgraçados! Talvez seja de invejar o destino dos que tocaram apenas com os labios na taça doirada da gloria, e que, se não saborearam amplamente as delicias d'esse inebriante licor, tambem não chegaram a sentir o travo com que o mundo imparcial costuma compensar as doçuras. Nós os egoistas, nós os que contemplâmos de longe a orbita luminosa d'esses astros litterarios, pranteâmos o seu desapparecer subito, no momento em que esperavamos que elles nos deslumbrassem com o seu immenso fulgor. Chamâmos ao anjo da morte o anjo despiedoso, quando elle é, talvez, o anjo mais compassivo de todos os que formam as phalanges seraphicas do empyreo! Pensâmos que os seus braços se erguem pavorosos, armados com o gladio terrivel, para nos decepar as vidas que nos são mais caras, quando elles se abrem talvez, pelo contrario, affectuosos como os de mãe extremosa que chama o filho querido para lhe dar no seio um abrigo contra as tempestades do mundo. O poeta assimilha-se a um homem que caminha no deserto com a fronte cercada de uma esplendida auréola. Nós vemos caminhar na pura atmosphera aquella tranquilla e serena luz, mas não sabemos quanto soffre o pobre viajante, haste, açoitada pelo vento, da fulgida flor, cujo brilho nos encanta. Não sabemos os tormentos que soffre para conservar sempre firme e erecta a fronte resplandecente. Não sabemos que cada passo é um martyrio, e que o risonho panorama dos applausos, com que nós julgâmos alliviar o soffri-

mento d'aquelle caminhar incessante, transforma-se em miragem illusoria, deslumbrante oásis que elle vê de longe, e que a inveja tem o cuidado de fazer desapparecer sob montes de areia, quando elle se approxima e julga descançar a final. E não será, por conseguinte, uma verdadeira felicidade encontrar um oásis menos tentador de certo, pavoroso até, mas que sorri, como um Eden de delicias, ao viajante fatigado e desgostoso? E sabeis como se chama esse oásis? Chama-se sepulchro.

E nós, que nos penalisâmos por ver parar essa luz caminhante, e poisar nos ramos do cypreste funerario, não podêmos comprehender a alegria do pobre romeiro, que se delicía por ver terminada a sua peregrinação!

Oh! mas se, apesar d'esse pensamento, nos não podêmos consolar com a prematura desapparição d'esses genios que nos encantavam; se não nos podêmos afazer á idéa de nunca mais ouvirmos esses hymnos inspirados, embora o soffrimento os arrancasse do seio do poeta; se sentimos um immenso pezar ao ver apagar-se a auréola com o apagar da vida... que será quando a luz se extingue sem se extinguir o martyrio, redobrando-se, pelo contrario, accrescentando-se com todo o horror das trevas, com todos os requintes da loucura?

To die, to sleep! Morrer, dormir! E quem sabe se esse dormir tem sonhos? Quem sabe se o corpo que descança sob a loisa do sepulchro não estremece de jubilo ao escutar o concerto de louvores, que sussurra o cyprestal, sem que se lhe misturem já as notas agudas do silvar d'essa serpente que se chama



Jorge Guilherme Lobato Pires

a inveja! Mas morrer e ficar desperto! Deixar cair o facho luminoso das mãos desalentadas, e continuar a horrorosa peregrinação! Descer das eminencias do genio aos subterraneos da loucura! Não deixar escorregar das mãos a taça do mel e do fel, para ir baquear, sorrindo, no sepulchro; tél-a sempre junta aos labios, percebendo que se dissipa a doçura e se conserva o amargor! Desfolharem-se as rosas da grinalda, e ficarem só os espinhos! peior ainda, por cada pétala que se desprende, brotar um espinho novo! Ha morte peior do que essa? Ha espectaculo mais pungente?

Foi facil a nossa tarefa, em quanto tratámos de dois poetas para quem já começou a posteridade, em quanto podémos fallar em voz alta, sem receio de acordarmos, no peito enregelado d'aquelles cujo panegyrico faziamos, alguma fibra dolorosa. Não commettiamos profanação alguma, indo erguer a campa que abrigava os dois finados, para poisarmos timidamente, nas suas frontes de espectros, a humilde grinalda que lhes teceramos. Mas agora!...

É triste approximarmo-nos cautelosos d'um vulto cheio de vida, para lhe cingirmos a fronte com esta coroa de loiros cujo peso não sente! É triste inscrever este epitaphio litterario n'um tumulo vasio, e fazer as exequias do poeta antes de fazer as do homem! E não seria horroroso, se ainda existisse uma fibra sensivel no meio das fibras despedaçadas d'aquella alma, fazer-lhe ouvir o seu proprio *Requiem*, e fazel-o escutar o seu elogio funebre?

Infelizmente não temos que receiar. Lobato Pires sobrevive a si mesmo! Apagou-se a luz d'aquella intelligencia tão viva! Apagou-a o vento da loucura, e não o vendaval da morte; não o temporal que despedaça a lampada e apaga, com um sopro, a chamma que dentro d'ella se abriga, mas a tenue brisa, que se infiltra subtilmente, que a faz vacillar, ondular, lançar clarões mais vivos, até a extinguir finalmente, conservando intacto o involucro material!

Se ainda, o que nós desejâmos ardentemente, tornar a brilhar a luz extincta, se Lobato Pires renascer, cremos que não será tida como profanação a sincera homenagem que rendemos ao seu immenso talento! Nunca é cedo de mais para se pagar ao genio o tributo devido. Não esperemos que morra de todo a esperança de o vermos de novo entre nós,

para mostrarmos as razões que tem a nossa litteratura de deplorar a sua perda, ou de se regozijar com a sua resurreição.

Entremos no assumpto.

Permitta-nos o leitor que lhe façamos sentir a differença notavel que existe entre os modos como se manifestaram os talentos dos tres poetas, de que nos occupâmos n'este estudo, poetas que estão ligados entre si pela dupla cadeia do infortunio e do genio, mas que differem immensamente pelas tendencias do seu espirito, e pelo logar que o publico lhes concedeu na escala das suas admirações. Com effeito, Luiz Corrêa Caldeira passou como um meteoro, deslumbrando os poucos que poderam contemplal-o durante os curtos momentos da sua curtissima apparição, mas não deixando o minimo rasto no espirito do publico, que nem tempo teve para o conhecer, e para o apreciar, e que sendo tão preguiçoso em dar foros de celebridade aos talentos incontestaveis, que vem por si mesmos apresentar-se-lhe, muito menos teria paciencia para andar a esmerilhar, na volumosa collecção dos periodicos litterarios do tempo da epidemia periodiqueiro-versejadora, os documentos do genio balbuciante, ainda que esplendido, do auctor da *Voz do Oceano*. Soares de Passos brilhou durante muito tempo, astro de provincia, n'uma limitada roda, e a sua fama não transpoz as fronteiras da sua terra natal em quanto a morte não veiu consagrar, com a lugubre grinalda, a fronte que o genio cingíra com o seu diadema esplendido. A apotheose começou, como de costume, no dia em que findára a existencia do homem. Todos lastimaram a perda d'aquella robusta intelligencia, em que nunca tinham reparado, e, antes de inscrever o seu nome no rol dos grandes homens, tiveram todo o cuidado de verificar se estava devéras riscado do rol dos vivos. Depois, passado esse momento de enthusiasmo, voltou a indifferença, e hoje poucos são os que se lembram ainda d'esse grande talento. O immenso esplendor d'aquelle nome durou instantes, e depois sumiu-se de novo nas trevas do olvido. Com Lobato Pires deu-se um facto completamente differente. Nem teve a existencia litteraria obscura (em relação ao seu merito) de Correia Caldeira, nem teve em torno do seu nome o fervor do enthusiasmo passageiro, que rodeiou o vulto de Soares de Passos. A reputação de Lobato Pires fez-se a pouco e pouco. O publico foi seguindo com um certo interesse as transformações e o progresso do seu talento. Depois, e quando este começava a dar fructos opímos, veiu prostral-o o tufão da desventura. A porta entre-aberta do templo da gloria cerrou-se de novo com fragor, e os que se aprompiavam a lançar mão dos thuribulos para incensar o novo idolo litterario, deixaram-os cair com indifferença, e nem mais se lembraram dos titulos que o auctor da *Humanidade* tinha á admiração do publico, nem do grande talento que o poeta revelára, nem da victoria indubitavel que alcançaria, se uma circunstancia fatal não viesse interromper a lucta que emprehendêra para alcançar um logar de honra no Pantheon dos poetas portuguezes. *Vœ victis*, n'este caso, é a divisa do publico. Conquistaria de certo, mas não conquistou. Esqueça-se pois, e nem mesmo merece a pena fazer-lhe as honras que se devem, no dizer de Napoleão, *au courage malheureux*.

E comtudo havia a certeza de que Lobato Pires não pararia na eminencia, já bastante elevada, a que tinha chegado, e que continuaria a subir, a subir infatigavelmente, porque estava em todo o viço da imaginação (e que opulentissima imaginação que elle possuia!), e porque uma das mais notaveis qualidades do seu talento era o aperfeiçoamento continuo, incessante e rapido, aterradoramente rapido.

Como elle entrou muito cedo na carreira jornalistica, como elle viveu no tempo em que a febre da publicidade se tinha apoderado de todas as organisações mais ou menos poeticas, póde o publico seguil-o nas differentes peripecias da sua vida litteraria. O publico assistiu á elaboração d'aquelle talento. Seguiu passo a passo a transformação da chrysalida na borboleta. Póde sorrir-se lendo as primeiras composições de Lobato Pires, e presentindo uma vocação embaraçada, ainda, nas faixas da infancia poetica. Viu a lucta do talento asphyxiado pela atmosphera da pieguice, em que se deliciavam aquelles a quem o abbade d'Almoster daria, de certo, licença para chafurdarem junto do Parnaso, no

> ....turvo lago
> Aonde em rãs existem transformados
> Os trovistas de cascos esquentados,
> Cerebro frouxo, e de miolo vago.

Depois viu-o a pouco e pouco quebrar as peias que o prendiam, ensaiar as azas n'um vôo ainda incerto, abalançar-se a mais, erguer vôo mais alto, e, a final, fitar o sol com ousadia, e remontar-se com as aguias, suas irmãs, ás espheras da sublime inspiração, que lhe dictou os carmes arrojados do *Universo* e da *Humanidade!*

Foi então que o fogo da loucura lhe crestou as azas, fazendo-o baquear n'esse pelago tenebroso, onde se sumiu tambem o gracioso espirito de Lopes de Mendonça.

Não devemos considerar como prova de falta de consciencia a publicação das tentativas informes que precedem sempre as obras primas dos grandes talentos. Se lermos com attenção essas insignificancias, que tem um logar obrigado no principio da carreira de um escriptor, havemos de encontrar n'ellas, mais ou menos occulta, a marca do genio. Não julguem que um grande poeta nasça com o gosto formado, e que, depois de ter escripto uma d'essas tentativas, que nos fazem sorrir, conheça o pouco valor da sua obra, e a rasgue para começar outra mais perfeita, e assim successivamente, até chegar a produzir uma que realise o ideal que tem no espirito. Não: os grandes poetas são, n'este ponto, como os simples mortaes. Estão intimamente convencidos que fizeram uma obra prima, e só quando traçam outra composição mais acabada, reconhecem o pouco merito da antecedente. Não se imagina quanto mudam os pontos de vista na vida de um escriptor. É uma transformação insensivel, mas incessante. Sorri-se o poeta, ao acabar de escrever uns versos, da satisfação intima, do orgulho que sentiu quando fez outra immensamente inferior, o que o não impede de sentir de novo o mesmo orgulho, que d'ahi a tempos novamente o fará sorrir. E assim vae succedendo até que terminem as hesitações, os *tâtonnements* do principiante, e que o talento do escriptor se manifeste a final desassombradamente.

(Continua) M. Pinheiro Chagas.

O PAINEL

(conto phantastico)

São innumeraveis os philosophos que desde a antiguidade tem escripto sobre a origem dos sonhos. E todos são accordes em achar uma certa ligação entre o somno e o pensamento, partindo do principio, aliás muito psychologico, de que as faculdades mentaes, e principalmente a imaginativa, podem trabalhar ainda quando repousa o corpo. Dizia Bacon, empregando o seu estilo altamente escholastico, que a subjectividade do homem reside unicamente no intellecto; ora,

como sejam as faculdades umas fórmas immateriaes e intangiveis, e portanto fóra da alçada dos agentes grosseiros, infere-se racionalmente que podem ellas trabalhar sem a intervenção da vontade. D'aqui desregramentos, visões e sonhos, que são apenas idéas hybridas, não concatenadas, incompletas. Affirmam auctorisados rabbinos, que a interpretação dos sonhos pertence á nobre sciencia «cabalistica», para a qual não falham principios philosophicos e perduraveis.

É hoje opinião assente para a maioria dos psychologistas de grande nomeada, que os sonhos são reflexos, muitas vezes alterados, do mundo externo. Em fim, ha até arrojados que não duvidam acceitar a hypothese de um fluido tenuissimo e vibratil, gerador dos sonhos. Imaginam elles que os sonhos resultam da acção composta de todos os fluidos, correspondentes a todos os sentidos. A multiplicidade e confusão de sensações provém das acções continuas d'esses fluidos, que podem variar até ao infinito, ao sabor das circunstancias exteriores.

São, portanto, mui varias e dissimilhantes as theorias, mais ou menos phantasticas, que se tem aventado ácerca da origem dos sonhos, e d'ellas não mais farei cargo, para que o leitor me não tome por um scismador insulso, o que muito me pezaria. No entanto vou eu narrar um caso bastante singular, que succedeu, pouco ha, com um amigo meu, que tem a pecha de poeta *imaginoso*.

Dois males, que o perseguem de continuo, dirá o leitor. Verdade é que sim, mas que hemos de fazer-lhe? *Trahit quemque sua voluptas*, como disse Virgilio.

I

Ha tres annos conversava eu com F. Sentados á sombra de copadas arvores, interrompiamos de vez em quando a conversação para deixarmos voejar o pensamento na immensidade. Era em agosto. A atmosphera abafadiça e plumbea tinha uma côr pardacenta, devida aos vapores que se alevantavam do chão. Nem um cicio de brisa, nem um gorgeio fugitivo, nem um brando suspirar da ramagem, vinha cortar aquella calada de uma noite sinistra. O genio das tormentas parecia abafar a terra. A lua, envolta em seu manto de lhama, como que havia fugido espavorida; as estrellas, unidas na amplidão, scintillavam medrosas; parecia que tudo se receiava d'aquella solidão esmagadora. O silencio e a mudez da noite eram apenas interrompidos pela toada do aldeão, que voltava para o casal, e com o murmurio lastimoso do Zezere, que discorria compungido por entre fraguedos e penedias.

— Que noite! — disse eu. Temos trovoada, que o barometro baixou hoje 30 millimetros.

— Cala-te ahi com o barometro e com a tua sciencia mentida e mentirosa. Quem não sentirá a trovoada a adejar tremenda e a roçar com suas azas de fogo a atmosphera? O presentimento vale a sciencia; guardae-a muito embora para as miseraveis concepções do homem que estuda a natureza no gabinete. A sciencia é o oiropel a cobrir farrapos de indigentes. O genio é intuitivo, adivinha. Contempla e prevê, é poeta e propheta. As vãs fórmulas da sciencia, que para vós são tudo, para o genio são nada. Eu de mim confesso que aborreço a sciencia e os talentos. Admiro os genios, não porque os seus cerebros pesem mais meia duzia de grammas, senão porque mais se aproximam do Creador. Vivo a sós no seio da natureza, cuja grandeza infinita me espanta, sem esmagar-me. Quando não comprehendo, curvo-me, mas não invento hypotheses, e não maculo a sublime poesia com a prosa vil das theorias.

Assim proseguiu F., cada vez mais animado, quando um relampago coruscante allumiou o horisonte. Logo após seguiu-se o trovão, e grossas pingas de agua avisaram-nos, um pouco descortezmente, que era tempo de nos mettermos telhas a dentro. Assim o fizemos, não sem grave reluctancia de F., que pretendia prolongar a contemplação da natureza, como elle dizia.

— Olha, não apanhes algumas terçãs, meu contemplador, lhe gritei eu, por fim, dos umbraes da porta. Duvido se as telhas são devidas á inspiração do poeta, ou á intuição ingenita; mas olha que abrigam da chuva. Não sei se já attentaste n'este phenomeno.

F. não respondeu ás minhas váias innocentes, e porventura satyricas, mas de repente desatou a correr pelas ruas do jardim, e foi metter-se n'uma choça de colmo que havia lá no extremo do quintal.

Que elle era poeta, sabia eu; mas como aos poetas é dado o titulo de cidadãos, e gozam de todas as prerogativas e regalias dos codigos sociaes, e portanto são creaturas de juizo á face da lei, fiquei-me attonito, e receando grave transtorno da massa encephalica do pobre rapaz.

Sem saber a que ater-me, dirigi-me á cabana. F. estava estatelado na areia que atapetava o solo. Ao clarão dos relampagos pareceu-me que tinha o rosto demudado. Soluçava, e a boca torta e escancarada deixava pender a lingua. Uma orla de espuma branca rodeiava-lhe os beiços encrespados. Os cabellos hirtos, os olhos espantados e as fauces abertas, como que haurindo effluvios infernaes, davam-lhe um aspecto medonho. Recuei espavorido. Era visão fatidica, ou realidade, aquelle aspecto medonho? Tornei para logo a mim, e carregando com elle ás costas, novo Enéas, depositei piedoso o meu Anchises na cama escholastica. Um violento ataque nervoso tinha-o assoberbado repentinamente. Era, sem duvida, effeito da trovoada e do estado de irritação extrema em que se achava. Passados alguns minutos, e depois de copioso pranto, voltou a si. Levantou-se, chamou o criado (sua unica familia), mandou cerrar as janellas, e accender um candil, segundo a linguagem da terra.

Como é facil de prever, não me foram muito gratos aquelles preparos, que me estavam ameaçando com uma asphyxia imminente. Que fazer? Ir-me embora, deixal-o em tal estado de irritação nervosa, seria um quasi crime. Resignei-me, e assentei-me junto á banca carregada de livros, onde F. estava remexendo.

— Então como estás, lhe perguntei.

— Bom.

— Costumas ter estes ataques?

— Ha tempos, e sempre que ha trovoada.

— Desde quando?

— Eu te vou contar. Conhecerás então a minha desgraça.

— Pódes começar. Prometto segredo inviolavel e eterno.

— É escusado. Se eu escrevesse para o publico relatava a minha historia. Felizmente, quero morrer obscuro. Applausos alvares da multidão não me namoram. O ascetismo e a solidão convidam-me e arrastam-me. Que queres? Espera-me a tumba ou Rilhafolles; para tudo estou resignado. Confortos officiosos não os acceito. Ouve, se queres, e assenta-te que vou começar.

— Eu sou todo ouvidos, respondi aterrado com o olhar sinistro do meu amigo.

Assim fallou F.

II

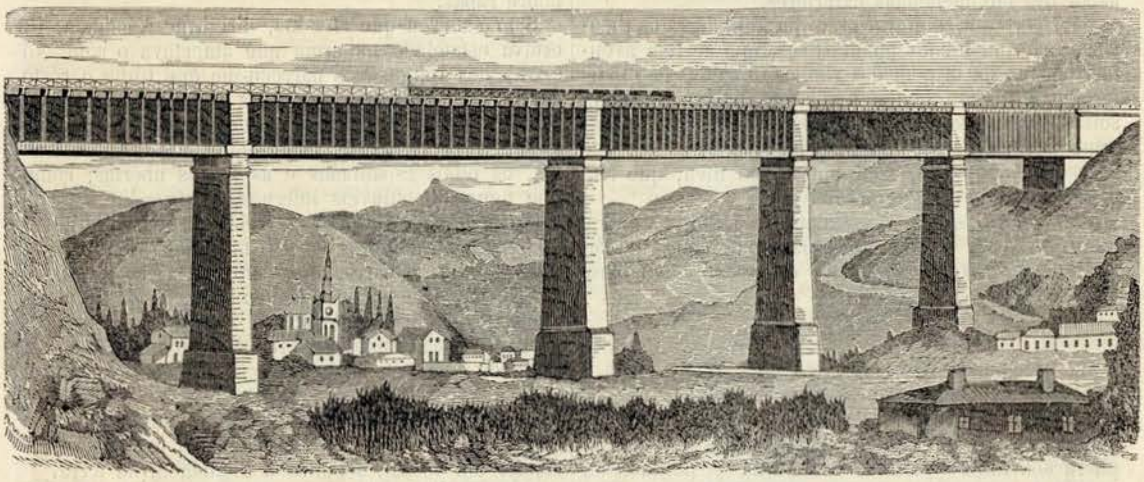
«Já lá vão dois annos depois que eu fui passar alguns dias em casa do morgado de***, antigo e nobre representante de uma nobilissima familia. Bem o conheces; sabes avaliar o bello caracter d'aquelle fidalgo, espelho e exemplo de cavalheiros. Baptisava elle o seu primogenito, e como a festa era de estrondo,

não falhou um convidado de dez legoas em redor. Era grande o arruido; o esplendor da funcção, a lhaneza e affabilidade dos donos da casa estavam convidando aos folguedos. Não havia resistir ao pendor vertiginoso. Parecia que cada um antevia proximo o passamento, tal era o fogo com que se engolphava nos prazeres, e bebia na aurea taça dos folgares. O solar de*** está maravilhosamente disposto. Sitio mais romantico e mais umbroso nunca vi. Respira-se alli uma atmosphera de poesia e de amor, que inebria e encanta.

«Está o solar a meia encosta de um monte alcantilado e selvoso. Alevantam-se das entranhas da terra enormes penhascos de granito, que se debruçam, quaes esphinges mysteriosas, sobre as aguas verdoengas do Zezere, que correm ao sopé do monte. A construcção primitiva remonta aos primeiros annos do reinado de Affonso Henriques; hoje não é mais do que um montão de ruinas, cujas pedras são como que sustentadas no ar pelas heras que se lhes enroscaram em torno. Junto ás ruinas está a capella, gothica reliquia do fervor religioso dos fidalgos fundadores; em volta um pequeno cemiterio, e dentro, em um subterraneo, a crypta onde dormiam o somno derradeiro os ricos-homens que porventura não acharam a morte nos recontros com a moirama.

«Cedros gigantes, cyprestes esguios, e frondosos carvalhos e castanheiros, confundiam e misturavam as ramagens, que, por noites de tormenta, como que soluçavam angustiosas chorando pelos que alli vieram descançar das penas da vida.

«Era o derradeiro tributo de gratidão, porque as raizes do arvoredo iam sugar vida nos cadaveres que são os restos da morte. O palacio novo, construido



Viaducto de Ormaiztegui

em tempos de D. João III, pertencia ao gosto manuelino que presidiu á construcção do convento dos Jeronymos em Belem. Assentava um pouco mais abaixo do que as antigas ruinas, em sitio menos batido de nortadas, e mais ameno.

«Por toda a encosta abaixo estendiam-se os jardins, que iam topar, lá no fundo do valle, com uma veiga regada pelas aguas do Zezere. Amieiros e salgueiros bordavam o rio com uma coma esplendida de verdura, a tempo que uma antiga ponte de pedra communicava as duas margens. Para além do rio dilatava-se a solidão e aridez. Era um deserto montuoso cravejado de granito.

«O palacio era, pois, um oásis fresco e encantador.

....

(Continua) A. Osorio de Vasconcellos.

CAMINHO DE FERRO DOS PYRENEOS

VIADUCTO DE ORMAIZTEGUI

A Peninsula Iberica viu realisar-se, no anno de 1864, uma empreza verdadeiramente grandiosa pelo vulto colossal de várias obras de arte, e arrojadissima, pelas difficuldades que foi mister vencer, e pelos immensos capitaes que se dsipenderam n'ella. Mas todos esses sacrificios lhe serão amplamente compensados, porque essa empreza será para toda a Peninsula fonte que lhe ha de brotar civilisação e prosperidade.

Fallâmos do caminho de ferro que ligou a França á Hespanha, pondo Madrid em rapida communicação com Paris e com toda a Europa.

Para justificar aquelle epitheto de *arrojadissima*, basta apontar para a projecção do caminho de ferro através dos Pyreneos. Desde Olozagoïtia, onde começa a elevar-se a cordilheira do lado de Hespanha, até Béasaïn, em que termina da parte de França, vae um espaço de 20 kilometros em linha recta; mas esta distancia, duplicada pelas voltas que dá o caminho, fica sendo de 44 kilometros. N'este trajecto, em que a locomotiva sobe na razão de 15 millimetros por metro, chegando a uma altura de 600 metros sobre a superficie do mar, passa a via ferrea por treze tunneis, um dos quaes conta perto de uma legoa de extensão, e sobre grande quantidade de pontes, algumas d'ellas grandiosas, como a que a nossa gravura representa, copiada de outra da *Illustração* franceza.

Todavia, não obstante esta multiplicidade de obras de arte, tão difficeis quanto dispendiosas, em uma extensão de 44 kilometros, foi construido este caminho de ferro em dezoito mezes, contando desde o dia em que principiaram os trabalhos até á abertura da via á exploração. Durante esse periodo empregaram-se constantemente nas diversas obras de construcção doze mil homens entre trabalhadores e artifices.

Publicaremos mais algumas gravuras das obras de arte mais notaveis d'este caminho, pois que é assumpto que nos deve interessar, e nos toca de perto.

A nossa gravura representa uma das mais importantes obras de arte d'esta via ferrea, o viaducto de Ormaiztegui. I. de Vilhena Barbosa.

Lisboa — Typographia de Castro Irmão — rua da Boa-Vista — palacio do conde de Sampaio